

O trevo certo e os aviões errados

MEUS versos pedindo uísque renderam mais de 30 garrafas no ano passado. Êste ano, nem 10.

Desconfio que minha inspiração baixou; mas é verdade também que o preço do uísque subiu.

Quando estive em Brasília, outro dia, houve um desastre lá: um caminhão entrou em um trevo e não saiu: despencou-se. Morreu gente. Era o quinto caminhão que despencava naquela curva, de maneira que o lugar já é conhecido como “trevo da morte”.

Um amigo contou-me, então, a conversa que teve a respeito com um engenheiro da estrada. Êste sustentava que o trevo está certo, os motoristas é que erram, entrando numa velocidade que a curva não comporta, de modo que são vítimas da força centrífuga.

O trevo tem razão, os motoristas é que são barbeiros — disse friamente o técnico.

Meu amigo perguntou se não era possível, em todo caso, dar uma certa inclinação ao leito da estrada, de maneira a compensar a força centrífuga.

O engenheiro respondeu:

— Isso estimularia os motoristas a correr ainda mais. Mas que é possível é, como não; aliás, em vista dos desastres, vamos fazer isso.

E depois de uma pausa:

— Mas que o trevo está certo, está.

Em resumo: o trevo está certo, mas vai ser corrigido.

É por essa e outras que eu fico apreensivo ao pensar na possibilidade da eleição do Marechal Lott.

Amigos dêle me dizem que “o Marechal é um sujeito cem por cento”.

Disso é que tenho medo. Acho que, por uma questão de modéstia, a gente deve ser, no máximo, vamos dizer, 85 por cento.

É com aquêles 15 por cento que não somos que nós concordamos em consertar o trevo — mesmo que o trevo esteja absolutamente certo.

Não é para falar mal, mas houve muita coisa errada em 1959; e eu mesmo fiz algumas, que prefiro calar.

Houve, por exemplo, a revolta de Aragarças: vários militares, “cheios” dêsse estado de coisas a que chegamos, tomaram conta de vários aviões militares, um de turismo e mais um de passageiros, da Panair.

Não deu resultado.

Se eles tivessem tomado o “Viscount” e o helicóptero do Dr. Juscelino, é possível que o Presidente reunisse os seus chefes militares e lhes apresentasse um *ultimatum*: “Ou me devolvem meus brinquedos ou eu vou-me embora para casa.”

E ia.

Dúvida palaciana: “JK aterrissará serenamente a 31 de dezembro de 1961, ou você acha que êle salta de pára-quedas antes?”